

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Editorial

Quem somos nós?

Por: Daniel Salésio Vandresen¹
daniel.vandresen@ifpr.edu.br

A presente publicação eletrônica da Revista IΦ-Sophia, que chega ao seu quarto número, tem como objetivo discutir a temática “Antropologia, semiótica da religião e sincretismo”. Dentre os vários artigos que integram as distintas temáticas abordadas, procurou-se contribuir para o debate sobre o ser humano e suas diferentes manifestações.

Quem somos nós? Alguns podem se contentar com respostas simples: somos seres humanos. No entanto, esta questão envolve a problematização da existência humana e já inquieta o homem a milênios. Como tentativa de resposta, muitos procuraram uma natureza intrínseca, uma essência, como, por exemplo, o logos, a alma cristã, o sujeito pensante, um ser de desejo, um ser produtor ou a existência como essência. Contudo, existiria uma natureza humana pronta e imutável?

A partir do momento em que Nietzsche proclamou a morte de Deus, também foi possível denunciar o modo como até o século XIX o homem tomou o lugar de Deus e divinizou-se a si mesmo como sujeito universal do conhecimento.

1 Graduado em Filosofia pela Fundação Educacional de Brusque/SC (2002). Especialista em História do Brasil pela UNIPAR/Câmpus Francisco Beltrão/PR (2005). Mestre em Filosofia pela Unioeste/Câmpus Toledo/PR, área de concentração em Filosofia Moderna e Contemporânea (2008). Doutorando em Educação pela Unesp/Câmpus Marília/SP. Atualmente pesquisando sobre o ensino de filosofia no Ensino Médio Técnico do IFPR. Professor da Carreira do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no IFPR/Câmpus Avançado Coronel Vivida. Pesquisador do grupo de pesquisa: Filosofia, Ciência e Tecnologias e membro de corpo editorial da Revista IΦ-Sophia.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Deste modo, situamos nossa discussão na organização dos saberes e das discontinuidades que compõe os momentos históricos. Segundo Michel Foucault (1999) a época moderna² se caracteriza como o momento em que os saberes concebem o homem como sujeito e objeto do conhecimento. Para o autor, Kant ao questionar as condições do conhecimento coloca pela primeira vez o homem como problema.

E Foucault intensifica a declaração de Nietzsche, renunciando a morte do homem. O problema do homem para si mesmo, e para seu pensamento, não é para o autor um problema antigo. A obra *As Palavras e as Coisas*, de 1966, inicia e termina anunciando a morte do homem. No Prefácio, Foucault expressa a problematização do homem afirmando que: “[...] é um reconforto e um profundo apaziguamento pensar que o homem não passa de uma invenção recente, uma figura que não tem dois séculos, uma simples dobra de nosso saber, e que desaparecerá desde que este houver encontrado uma forma nova” (FOUCAULT, 1999, p. XXI). Já na última página, conclui a obra profetizando uma possível transformação na *episteme* moderna:

Se estas disposições viessem a desaparecer tal como apareceram, se, por algum acontecimento de que podemos quando muito pressentir a possibilidade, mas de que no momento não conhecemos ainda nem a forma nem a promessa, se desvanecessem, como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do pensamento clássico – então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia (FOUCAULT, 1999, p. 536).

2 Foucault caracteriza os momentos históricos pelo conceito de *episteme*, isto é, uma organização no conjunto de saberes de uma época e que tornam possíveis as práticas discursivas. Deste modo, compreende a Época Clássica (séculos XVII e XVIII, de Descartes ao Iluminismo) com o conceito articulador da representação, tendo o homem como sujeito fundante. Já a Época Moderna (fim do século XVIII até nossos dias) a finitude do homem aparece, ao mesmo tempo, como problema e como fundamento dos saberes, fase que Foucault chama de *Analítica da Finitude*. Para saber mais, conferir a obra *As Palavras e as Coisas*, de 1966.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em sua leitura, para que o homem pudesse aparecer, como uma forma ideal de conhecimento do mundo, foi preciso toda uma nova organização do saber. Sendo que se essa mesma disposição de saber que tornou possível falar sobre o homem vier a desaparecer, também o modo como o homem é concebido poderá se transformar. Esse desaparecimento/morte do homem significa, para Foucault, a superação do sujeito universal.

Ao analisar a origem das ciências humanas percebeu que o fato de o homem ter aparecido como objeto científico para elas, não deve ser buscada no aperfeiçoamento dos métodos científicos de investigação sobre o homem, mas antes explicado pela reorganização dos saberes modernos. “Elas aparecem no dia em que o homem se constituiu na cultura ocidental, ao mesmo tempo como o que é necessário pensar e o que se deve saber” (FOUCAULT, 1999, p. 476).

Para o filósofo francês, o problema das ciências humanas, por um lado, está no fato de que elas adotaram, principalmente, o modelo lingüístico. Para o autor, ao contrário do que aconteceu com as ciências empíricas do século XIX, elas não conseguiram contornar o primado da representação. As ciências humanas não podem dizer o que é o homem sem cair no estatuto da representação. Daí sua limitação em não poder conhecer inteiramente quem o homem é, haja vista, que só conhecem aquilo que representam. Por outro lado, o problema da configuração do saber das ciências humanas está em fundamentar-se em uma análise da finitude, pois ao apresentarem o que é homem em sua finitude (empírico), fazem deste ato o que é representado como condição de sua existência (transcendente). Tomam o que é conhecido (empírico) valendo como fundamento (transcendental). Fazem valer aquilo que ele é em sua finitude como uma essência.

Essa concepção do homem como fundamento do saber moderno - e que por ser histórico poderá desaparecer - foi visto por muitos de seus



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

contemporâneos como uma atitude anti-humanista. Segundo Foucault (2002, p. 343) o tema da morte do homem em *As Palavras e as Coisas* é devido ao contexto em que a obra foi escrita: por um lado, os discursos humanistas estavam impregnados da moralidade do pós-guerra, todo mundo se dizia humanista, até mesmo os discípulos de Hitler diz Foucault; por outro lado, nesta época o eu era compreendido como categoria fundamental e era preciso tratá-lo em sua historicidade.

Foucault convida a pensar de outra forma, rompendo com a ilusória bandeira humanística presente nos discursos racionalistas da modernidade. “As ‘Luzes’ que descobriram as liberdades inventaram também as disciplinas” (FOUCAULT, 2005c, p. 183). Por isso, em seus estudos sobre a modernidade denunciou que o sujeito dotado de razão para se constituir como universal precisou confinar os loucos (*História da Loucura* - 1961) e vigiar o delinquente (*Vigiar e Punir* - 1975).

Rompe também com a ideia de um sujeito universal. Não se trata mais de procurar uma verdade escondida sobre o sujeito, como era o objetivo das ciências humanas. “[...] não se trata de perguntar ‘quem somos nós enquanto sujeitos universais’, mas enquanto sujeitos, ou singularidades *históricas*. Qual é esta historicidade que nos atravessa e nos constitui?” (CROS, 1995, p. 177). Para Foucault, enquanto sujeito constituído pela história, precisamos conhecer as determinações que faz quem nós somos e que possibilitam ou excluem nossa liberdade. Compreender “o modo pelo qual um ser humano torna-se um sujeito” (FOUCAULT, 1995, p. 232) é o tema que perpassa todas as obras de Foucault. Como nos constituímos como sujeitos de pecado, sujeito de desejo, sujeito produtivo, entre outros.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No curso de sua história, os homens jamais cessaram de se construir, isto é, de deslocar continuamente sua subjetividade, de se constituir numa série infinita e múltipla de subjetividades diferentes, que jamais terão fim e que não nos colocam jamais diante de alguma coisa que seria o homem (FOUCAULT, 2010, p. 325-326).

Retomemos agora nossa primeira pergunta: “quem somos nós?” e por que não colocamos a questão: “o que é o homem?”. Essa segunda pergunta, supõe a busca por uma essência humana pronta e imutável, o que se quer evitar, para não deixar-se levar pelos mesmos equívocos da modernidade. Já a primeira questão remete para Foucault (1995, p. 239) a atitude crítica inaugurada por Kant que associa o que somos com o momento em que vivemos. Quando Kant em 1784 publica um texto como resposta a questão: “Was ist Aufklärung?” (FOUCAULT: 2005a, 335), surge o primeiro passo para fazer da filosofia uma constante problematização do presente, postura esta que faz parte do mais íntimo que procurou praticar em sua filosofia. “*O que acontece atualmente e o que somos nós, nós que talvez não sejamos nada mais e nada além daquilo que acontece atualmente?*” A questão da filosofia é a questão deste presente que é o que somos” (FOUCAULT: 2005b, 239).

Em outra passagem, o autor associa a tarefa da filosofia, a questão kantiana sobre a atualidade com a constituição autônoma de si.

Gostaria, por um lado, de enfatizar o enraizamento na *Aufklärung* de um tipo de **interrogação filosófica** que problematiza simultaneamente a relação com o presente, o modo de ser histórico e a **constituição de si** próprio como sujeito autônomo; gostaria de enfatizar, por outro lado, que o fio que pode nos atar dessa maneira à *Aufklärung* não é a fidelidade aos elementos de doutrina, mas, antes, a reativação permanente de uma atitude; ou seja, um **êthos filosófico** que seria possível caracterizar como crítica permanente de nosso ser histórico (FOUCAULT, 2005a, p. 344-45, grifo nosso).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Nesta passagem percebe-se que o autor associa a atitude filosófica (*ethos*) de investigação sobre o que faz de nós o que somos (questão da *Aufklärung*) com a constituição de si. A questão do presente deve ser também a questão de si mesmo. A busca pela emancipação e autonomia do pensamento passa pelo cuidado de si e a crítica constante sobre nós mesmos. Também, defende a ideia de que a problematização do presente deve se constituir em um “[...] princípio de uma crítica e de uma criação permanente de nós mesmos em nossa autonomia” (FOUCAULT, 2005a, p. 346).

Diante desta perspectiva, convidamos o leitor a mergulhar nos diferentes artigos deste volume, com a temática “Antropologia, filosofia da religião e sincretismo”, na qual pensamos o homem como um ser que está em um movimento constante para pensar a si mesmo. Construindo a partir de diferentes manifestações, também diferentes maneiras de ser.

Referências

- CROS, F. “Foucault e a questão do quem somos nós?” *In: USP. Tempo Social*. São Paulo: Revista de Sociologia da USP, V7, Nº. 1-2 (out.), 1995, p. 175-178.
- FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.
- _____. “O Sujeito e o Poder”. *In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.
- _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005b.
- _____. **Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2005c.